

## **GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DO CONCEITO DE PAISAGEM NO SEMIÁRIDO**

Robson Sales Pontes<sup>1</sup>; Adalberto Teixeira Rodrigues<sup>2</sup>

Secretaria de Estado da Educação no Estado da Paraíba – SEEDUC/PB

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo ampliar a discussão acerca da interdisciplinaridade, que foi exaustivamente indicada pelos documentos oficiais da educação no Brasil, como LDB e os PCN. O trabalho objetiva ainda pesquisar a relação interdisciplinar entre Geografia e Literatura a partir da observação e leitura de obras clássicas da literatura. A seguinte hipótese foi levantada: como identificar o conceito de paisagem do semiárido em obras literárias? A pesquisa deu importância ao paradigma qualitativo, levando em consideração que a mudança das coisas não pode ser analisada indefinidamente pelos métodos quantitativos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Literatura, Interdisciplinaridade, Semiárido.

### **ABSTRACT**

This work aims to expand the discussion of interdisciplinarity, which was thoroughly indicated by official documents of education in Brazil, as LDB and the NCP. The study aims to further research the interdisciplinary relationship between Geography and Literature from observation and reading classic works of literature. The following hypothesis was raised: how to identify the concept of semi-arid landscape in literary works? The survey gave importance to the qualitative paradigm, taking into account that things change to can not be analyzed endlessly by quantitative methods.

Keywords: Geography Education, Literature, Interdisciplinary, Semi-Arid.

---

1 Professor de Geografia na Secretaria de Estado da Educação da Paraíba

2 Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação da Paraíba

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo pesquisar a relação interdisciplinar entre Geografia e Literatura e a definição do conceito de paisagem do semiárido, a partir da observação e leitura de obras clássicas da literatura brasileira. A pesquisa levou em consideração o paradigma qualitativo. De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 104), “a mudança das coisas não podem ser indefinidamente quantitativa transformando-se, em determinado momento sofrem mudança qualitativa”. Segundo as autoras citadas, a quantidade transforma-se em qualidade.

As paisagens do semiárido causam admiração por sua aparência rústica e nos transportam para uma excursão a terrenos com uma estética climática de estilo singular no mundo. Pelos planaltos e depressões, estão histórias ainda por descrever, narrações sobre a geologia, a botânica e a fauna, além de tudo aquilo que a vista alcança no horizonte.

Este trabalho surgiu da necessidade de demonstrar o belo, presente na literatura brasileira, enxergada além do que se descreve, mas, na vivência daqueles que habitam o semiárido e convivem com sua beleza e particularidades, associadas à condição climática.

A pretensão deste trabalho não está na observação da prova do ENEM como um instrumento de avaliação do Ensino Médio, mas como um instrumento de verificação do processo de ensino e aprendizagem através das práticas interdisciplinares.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar a discussão, necessário se faz pensar como a interdisciplinaridade tem sido compreendida e praticada no Ensino Médio. Para isso, é preciso entender a problemática associada a uma abordagem interdisciplinar e sua importância nesse nível de ensino.

A partir da promulgação da lei nº 9.394/96, que trata da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, foi necessária a instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como de Parâmetros e Referenciais Curriculares Estaduais, como elementos norteadores para uma reforma curricular para o Ensino Médio.

No tocante às orientações didáticas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1999) orientam que o professor seja considerado apenas como um mediador na construção social do conhecimento.

Essa nova concepção da atuação docente aponta uma contraposição à postura defendida pelos modelos teóricos tradicionais, nos quais o docente é observado como centro dos processos de ensino e de aprendizagem. Com isso, o ensino focava no professor, estando

o aluno limitado a um papel passivo, que se restringia à recepção e reprodução mecânica de conteúdos.

No estado da Paraíba, a construção de Referenciais Curriculares para o Ensino Médio teve início com as formações continuadas de professores através de fóruns e seminários sobre o tema. De acordo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio no estado da Paraíba (2006, p. 9), “a oferta do Ensino Médio, etapa final da educação básica brasileira, está regulamentada nos artigos 35 e 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB (nº 9.394/96)”.

Fazenda (2008, p. 34) citando a definição clássica de interdisciplinaridade mostra que,

ela é definida como a interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificando que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionando-o.

O conceito de interdisciplinaridade é considerado essencial no processo de ensino-aprendizagem atual; sua compreensão, no entanto, ainda é um desafio. Garcia (2012) explica que isso parece refletir o quanto esse termo está atrelado a uma variedade de entendimentos acerca do que estaria sendo solicitado às práticas pedagógicas.

Cavalcanti (1998) ensina que a relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. Para esta autora, a ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia, no entanto, corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, que são convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e de uma organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários a uma educação geral.

Brabant *in* Oliveira (2010, p. 15) aponta para uma crise no ensino de Geografia. Segundo o autor citado, a Geografia desemboca em uma crise espetacular, na qual, o principal motivo foi a tentativa de retirada da geografia da escola. Para o autor, a concorrência desleal dos meios de comunicação, que se utilizam de uma geografia-espetáculo, tende a relegar o ensino de geografia ao mundo da pré-história.

Hodiernamente, é difícil encontrar, entre os alunos de ensino médio, ou até mesmo no corpo docente, alguém que possua hábitos de leitura literária sistemática. Na maioria das vezes, é possível afirmar que essa falta de hábitos de leitura está associada à forma como o ensino de literatura é praticado, sem despertar o interesse do aluno para a contextualização e o

dialogismo, ou seja, a relação do discurso entre interlocutores. Nesse contexto, Fiorin *in* Brait (2006), afirma que os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem.

Para Milton Santos (1988) O espaço e a paisagem são produtos da sociedade, de suas infindáveis e tão diversas realizações. E o que é paisagem? Segundo Milton Santos é “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”.

Alguns estudos indicam que a origem do vocábulo paisagem é muito mais remota do que se possa supor, TROLL, (1997) afirma que o termo é utilizado há centenas de anos por meio da palavra alemã *landschaft* (paisagem) e desde então vem sendo adaptado linguisticamente para uso na atualidade.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca por uma metodologia do ensino de Geografia que integre os alunos, no seu contexto social, buscando a compreensão da realidade vivenciada através de uma abordagem dialógica, nos conduziu a uma interface com os textos e as narrativas da literatura, eivadas de contextualização quanto às categorias geográficas, especialmente ao conceito de paisagem. Levando em consideração o conceito de paisagem definido por Milton Santos, é possível encontrar tal conceituação em vários fragmentos da literatura pátria.

O texto literário-teatral *As Velhas*, (1975) da dramaturga Lourdes Ramalho, é carregado de aspectos que proporcionam a interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura. A autora demonstra um enorme senso crítico ao tratar de forma muito clara a questão do flagelo da seca e da corrupção, que revela a indústria da seca no semiárido do Nordeste Brasileiro.

A calamidade social que assola o semiárido é fruto da inconstância dos fenômenos climáticos que atingem a região. O Nordeste do país apresenta baixos índices de pluviosidade, principalmente na sub-região do Sertão Nordestino, no chamado polígono das secas.

A obra *As velhas* está ambientado neste cenário, denominado de Sertão, como pode ser observado nos versos do personagem Chicó:

Pode chover Canivete  
Quem ta falando é Chicó  
Fio de dona Mariana  
Macho nascido nas brenha  
Do sertão de Piancó.

O espaço sertanejo da obra é delimitado ora pelo sertão de Piancó, ora por Juazeiro (não há uma definição se é Juazeiro do Norte no Ceará ou Juazeiro na Bahia, que faz divisa

com Petrolina em Pernambuco). Branca diz: Mas a gente é que paga o pato. Por que foi que se saiu do Juazeiro? (RAMALHO, 2005 p. 22). Ora, cita-se o Rio Grande (possivelmente Rio Grande do Norte, já que a personagem Branca fala na região do Seridó). Sendo o Seridó uma das áreas de menor precipitação pluviométrica do semiárido, abrangendo parte do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

Fica claro que os personagens são verdadeiros retirantes da seca que atinge a região sem piedade. Como na fala de Chicó: (...) *Já se andou por tudo quanto é canto. Eu mesmo quase fui enterrado em Catolé do Rocha, terra em que se mata gente no meio da rua por brincadeira. Entrei lá numa fria...* (RAMALHO, 2005, p. 29).

A desigualdade social também é evidente, os trabalhadores rurais estão sujeitos aos mandos e desmandos do *Dr. Procope* personagem que detém o poder econômico e político da região onde se ambienta a obra. Além da questão social evidencia-se a corrupção e mau uso do dinheiro público, o *Dr. Procope*, de acordo com o texto, alista *defuntos* e até *Pirrita*, o Jumento de *Zé Catota* tá ganhando dinheiro com a frente de emergência.

O fenômeno da escassez de chuvas ainda é um fenômeno pouco compreendido no país. Os estados do Sul e Sudeste são os que menos compreendem tal fenômeno. Já que existe no Nordeste o que se denomina regionalmente de Seca Verde, ou seja, chove num curto período de tempo, mas não o suficiente para encher os barreiros e açudes, o milho e o feijão até chegam a brotar, mas morrem por falta de recursos hídricos. No entanto, a Caatinga (mata branca em Tupi), que é um ecossistema exclusivamente brasileiro, encontra-se verde. O que dá a falsa impressão de que tudo vai bem para o sertanejo.

A Caatinga é um bioma que apresenta características bem marcadas: o clima é semiárido, com baixos índices de pluviosidade, mal distribuídos no tempo e no espaço. A temperatura é elevada na maior parte do ano, os solos são rasos e pedregosos e a vegetação é xerófita, ou seja, adaptada à condição hídrica, com baixa precipitação e elevada evapotranspiração potencial. As plantas da Caatinga geralmente apresentam espinhos no lugar das folhas como forma de compensar a perda de umidade.

As personagens Branca e Mariana citam esse aspecto da Caatinga em suas falas:

**Branca:** É por isso que a senhora é tão seca, tão dura, tão amarga, mãe. A senhora é um espinheiro.

**Mariana:** Eu sei... Sou como as planta da terra o cardeiro, o xique-xique... Elas é assim pra resistir à secura do sertão. Como podiam ser macia, delicada, se tem de viver num chão esturricado, sem água que amoleça o barro donde tiram seu sustento? - Mesmo assim sou eu - enfrente a secura dos meus dias, sem refrigério da palavra amiga, sem ajuda de um ombro ou

mão que me sustente nas fraqueza, que me acarinho a cabeça cansada de pensar, de padecer as agonia de tá só, de viver só o resto de meus dias... (RAMALHO, 2005, p. 42)

Parafraçando Euclides da Cunha. A vegetação e o povo do Sertão são antes de tudo, uns fortes. A diminuição do patrimônio dos trabalhadores rurais força às migrações por razões econômicas. É comum observar as rodoviárias apinhadas de gente tentando uma vida melhor nas grandes cidades, ou em busca de emprego nas lavouras de café e cana de açúcar como trabalhadores temporários.

Euclides da Cunha, na sua obra *Os Sertões*, (1998, p. 44) um clássico da literatura brasileira, descreve a paisagem da caatinga do sertão nordestino, deste modo:

a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia -o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante.

Mesmo sem uma sistematização do ensino da Geografia, percebe-se a presença do conceito de paisagem nesta citação, com um detalhamento tal que é possível perceber a narrativa como real. Presente também se pode observar, o conceito de determinismo ambiental, cujo conceito afirma que o ser humano é produto do meio em que ele vive.

É natural que grandes populações sertanejas, de par com as que se constituíam no médio S. Francisco, se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia. E lá ficassem ablegadas, evoluindo em círculo apertado durante três séculos, até a nossa idade, num abandono completo, de todo alheio aos nossos destinos, guardando, intactas, as tradições do passado. De sorte que, hoje, quem atravessa aqueles lugares observa uma uniformidade notável entre os que os povoam: feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável, logo ao primeiro lance de vistas distinto do mestiço proteiforme do litoral. Porque enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinido, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, e homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições. Nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes. (CUNHA, 1998, p. 99)

O excerto da obra *Os Sertões* compara como se todos os humanos do sertão fossem iguais, tivessem a mesma compleição física, as mesmas características. Fato também observado nos versos de João Cabral de Mello Neto, poeta pernambucano, na sua mais conhecida obra: *Morte e Vida Severina*. Um auto de natal pernambucano, narrando a viagem de Severino, personagem principal. Percebe-se uma intertextualidade com a obra de Euclides da Cunha, quando o personagem Severino diz quem é e a si mesmo despersonaliza, universalizando uma problemática social.

Somos muitos Severinos

iguais em tudo nesta vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
(MELLO NETO, 1974)

A despersonalização da figura do Severino apresenta-se quando o personagem diz que seu sangue tem pouca tinta e morre da mesma morte Severina.

A partir do estudo e da análise dos textos literários, é possível estabelecer uma relação interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura, observando aspectos, tanto das categorias geográficas, tais como: Paisagem, Lugar, Região, Território. Quanto das escolas literárias, como o Realismo/Naturalismo e modernismo, por exemplo.

#### **4 CONCLUSÃO**

Seria muita pretensão de nossa parte estabelecer uma conclusão para esta pesquisa. O processo de ensino-aprendizagem é sempre um trabalho inconcluso, pois, desse modo, sempre há o que se aprender.

O ensino de Geografia proporciona aos discentes a compreensão dos conceitos e das categorias geográficas. Esse entendimento, aliado a uma visão crítica do cotidiano, capacita o aluno a transformar sua realidade vivida, muitas vezes ofuscada pelo dogmatismo midiático, presente em veículos de comunicações e no acesso às redes sociais que não contribuem para o crescimento cognitivo.

Assim, no contexto do ensino interdisciplinar, a atuação docente passa a mediar o entendimento do alunado durante o processo de ensino/aprendizagem, conforme ensina Bulgraen (2010, p. 30).

Interdisciplinarmente concebe-se a interação entre Geografia e Literatura, contextualizando os problemas sociais descritos no texto literário e a realidade vivenciada

pelos personagens reais do semiárido brasileiro, partícipes que são da paisagem. Retratados, ora de forma pitoresca, folclórica, ora como cidadãos de segunda classe.

Considerando tais aspectos, a abordagem interdisciplinar concorrerá para um melhor aproveitamento dos objetos de estudo, ensejando ao alunado uma melhor compreensão, tanto do ensino de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, através da Literatura Brasileira, quanto do ensino de Ciências Humanas e suas Tecnologias, pois estarão implícitos ainda aspectos de Geografia, História e Sociologia.

## 5 REFERÊNCIAS

- BRABANT, J.M. **Crise da Geografia, crise da escola** in OLIVEIRA, A. O. (org.) **Para onde vai o Ensino de Geografia?** – 9ª Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010. (Repensando o Ensino).
- BULGRAEN, V. C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento** - Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010 ISSN 1807-9539
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- CUNHA, E. **Os Sertões. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão**. São Paulo, Ática, 1998.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na formação de professores** Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu - v. 10, nº 1, 1º semestre de 2008 - Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/issue/view/347/showToc>>, acesso em 29 mar. 2016.
- FIORIN, J. L. **interdiscursividade e intertextualidade** in BRAIT, B. (org) **Bakhtin: outros conceitos-chave** – São Paulo: Contexto, 2006.
- GARCIA, J. A **Interdisciplinaridade Segundo Os Pcms**. Revista de Educação Pública, Cuiabá (UFMT), 17, set. 2012. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/494>>. Acesso em: 29 Jan. 2016.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Atlas, 1991.

- MELLO NETO, J.C.; **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966; 6ª edição, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec), 1999.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. PCN+Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais– Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec), 2002.
- Paraíba. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Coordenadoria do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Ciências Humanas e Suas Tecnologias** / Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral). João Pessoa: [s.n.], 2006. 186 p.
- RAMALHO, M. L. **As Velhas**. João Pessoa/Campina Grande: Ideia/Bagagem, 2005.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo 1988.
- TROLL, C. **A paisagem geográfica e sua investigação**. Espaço e cultura, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 2, p. 7, jun.1997.

